

## O último vôo do flamingo

Rosemary Segurado<sup>4</sup>

A poética política em Mia Couto

*Quem voa depois da morte?*

*É a folha da árvore.*

*Dito de Tizangara*

Em “O último vôo do flamingo”, o escritor moçambicano Mia Couto nos proporciona uma reflexão a respeito da relação estreita e tênue entre a arte e a guerra, reconstruindo pela perspectiva literária o período pós-guerra em Moçambique. O romance publicado em 2005 pela Companhia das Letras mantém a ortografia vigente em Moçambique e além da excelente literatura também nos coloca em contato com outra construção lingüística da língua portuguesa.

O início do livro apresenta um enigma a partir do qual se desenrola a história. Soldados estrangeiros, das “forças de paz” explodem no ar e a partir daí se iniciam as investigações para desvendar o mistério. Como explodiam os soldados? Como identificá-los? Corpos explodem e desaparecem no ar, expressam a característica própria do imaginário lusófono, um povo sempre à deriva ou em uma quase-deriva em incessantes processos de desterritorialização.

A narrativa do autor é instigante, repleta de imagens do realismo fantástico latino-americano, atribuídas pelo autor ao período no qual estava proibida a entrada de livros editados em Portugal e a literatura brasileira passou a fazer parte do repertório de Couto. Jorge Amado, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Gabriel Garcia Marques, entre tantos outros que chegaram a Moçambique entre os anos 50 e 60 e, segundo o próprio autor modificaram profundamente o imaginário coletivo do povo moçambicano em um período fundamental de sua história relacionada à construção de uma singularidade própria, não

---

<sup>4</sup> Pesquisadora do Neamp e professora de Sociologia da Escola de Sociologia e Política de São Paulo e do Centro Universitário Senac.



mais à imagem da África Angola a qual pertenceu como colônia entre nem tampouco tampouco presa ao domínio português.

Os soldados da ONU que estiveram em missão de paz durante o conflito em Moçambique são a chave de um mistério que abre a narrativa instigante de Couto. Os soldados explodem sem deixar rastros, restando apenas o pênis, que se transforma na peça-chave para as investigações em torno do episódio. As explosões dos soldados demandam uma investigação com a presença de um representante da ONU, o italiano Massimo Risi. A chegada de Risi à vila de Tizangara mobiliza a população que busca compreender o estranho acontecimento.

O mistério leva à cidade imaginária de Tizangara, um oficial italiano da ONU, Massimo Risi, destacado para acompanhar as investigações sobre o caso. A chegada de Risi à vila e o contato com os moradores para solucionar o caso nos revela a singularidade dos personagens acionados por Couto para compor essa narrativa, além de expor as feridas ainda abertas de uma guerra que parece não querer cessar ou não poder cessar.

A narrativa é errática, polifônica e conduz o leitor ao desafio de compreender os mistérios paralelos ao enredo central, cuja presença de personagens dotados de um realismo mágico se faz presente e, às vezes, ganha vida própria e quase autônoma do roteiro inicial. Assim como Risi, o leitor também percebe que para disfrutar o romance é necessário deixar-se levar pela mística africana, repleta de episódios trágicos e ao mesmo tempo poéticos.

A Metáfora dos “soldados-bomba” aborda um grave problema no pós-guerra em Moçambique que é a existências de minas terrestres causadoras de explosões, cujo número de mortos e mutilados é assustador, demonstração de uma guerra que insiste em se manifestar. Após quase três décadas de guerra civil, a história de Moçambique é profundamente marcada por esse conflito que matou milhares de pessoas. Se por um lado, a morte dos soldados mantém a população prisioneira à guerra permanente, por outro, vemos que aspectos da vida cotidiana se mantém vivos em seus personagens singulares e cheios de vitalidade poética.

Aparentemente, o oficial italiano não compreende a língua portuguesa e tem acesso aos fatos pela figura de um tradutor, morador nativo de Tizangara destacado pelo

governo local para acompanhar as pistas que contribuíssem para o esclarecimento da situação. Mas se em um primeiro momento, Risi necessita de um interlocutor para compreender a língua “daquela gente”, posteriormente veremos que ele terá que ir mais além e mergulhar na presença marcante da cultura africana para compreender que existem explicações que se colocam para além das evidências ou provas próprias de um processo investigativo. Há que se entender o imaginário, a subjetividade interdita, para que possa fazer sentido os elementos tão surpreendentes quanto o que envolve a morte dos *soldados de paz*.

Mais surpreendente é compreender a dinâmica política estabelecida após o término dos conflitos com o anúncio do “processo de paz”. Poderíamos dizer que a institucionalização da política é fundamental para a reflexão apontada por Mia Couto. Ele trata de um conflito de poder que produz um hibridismo típico de um pós-guerra. Por ora, aparentemente, a pacificação teria sido vencedora, mas o prolongamento da guerra pode ser verificado, entre outras formas, por uma estratégia bélica característica daquele período que se baseava na instalação de minas subterrâneas que podem explodir anos após terem sido instaladas. Essas minas já provocaram a morte de muitas pessoas, além de ter deixado um contingente de mutilados, vítimas de uma guerra que não cessa com o anúncio oficial do fim da guerra, o que nos remete a Arnaldo Antunes quando diz que “as coisas não tem paz”. Portanto, a guerra continua, porém em outros termos, com outros dispositivos.

Michel Foucault, ao inverter o aforisma de Clausewits nos diz que “a política é a continuação da guerra por outros meios”. No romance de Couto, observamos que essa sentença é o fio condutor que perpassa por toda a história. Soldados explodem misteriosamente após o fim da guerra ou estamos diante de uma guerra sem fim?

A literatura de Mia Couto nos indica o quanto o espaço público não consegue ser controlado pelos processos de paz. Nota-se que o Estado, através das instituições, coloca-se no papel de pacificador dos conflitos sociais, mas não consegue eliminá-los e em muitos sentidos suas ações só fazem insuflar conflitos, aumentar as tensões sociais. A crueldade das estratégias beligerantes se manifesta cotidianamente e faz com que a guerra

assuma muitas formas, múltiplos disfarces, ora de maneira explícita, ora de forma velada. São *guerras particulares*, conforme a reflexão proposta pelo cineasta João Moreira Sales.

Há uma estética da guerra presente no cotidiano através de conflitos que nos colocam a necessidade de pensarmos em novas formas de sociabilidade a partir da qual o conflito não seja sufocado para retornar de formas ainda mais repleta de ressentimentos. É nesse sentido é possível ver a arte como possibilitadora de um processo capaz de sensibilizar os indivíduos a buscarem outra forma de estar no mundo ou como dizia Nietzsche,

*A arte como a única força superior contraposta a toda vontade de negação da vida*

Essa é uma das reflexões possíveis a partir do romance, no qual também convivem algumas situações aparentemente paradoxais como a presença de processos racionais de uma investigação – daí a presença de Risi e de uma organização transnacional, supostamente neutra para conduzir as buscas de pistas para se chegar ao esclarecimento do caso. Mas também temos uma diversidade de personagens que se tornam essenciais para o desenvolvimento do romance. A prostituta Ana Desqueira, peça chave para o esclarecimento do mistério, Temporina, a velha que ao mesmo tempo expressa a maturidade e a jovialidade, os sinais de duas temporalidades, o feiticeiro Zeca Andorino e Suplício, um homem marcado pela memória de muitas lembranças.

Desse processo, concluímos que a arte ativa essa reflexão necessária e nos indica caminhos para compreender que a dimensão trágica é parte da política, portanto, não pode ser excluída dela por serem indissociáveis. Tragédia, arte e política são inseparáveis, caminham juntas e se afetam entre si, afetando os indivíduos, portanto, não se trata de buscar eliminar o aspecto trágico da experiência humana até mesmo porque o inesperado pode surgir a qualquer momento e implodir – ou explodir – essa lógica, provocando destabilizações e nos demonstrando o esgotamento das estratégias das instituições políticas em tentar conter aquilo que se coloca de forma cada vez mais incontível.

No romance de Couto enquanto tudo isso ocorre, uma das personagens nos ensina que é preciso entoar canções para que os flamingos continuem a empurrar o sol para o outro lado do mundo.